

VÁRIA

Cerâmica lusitano-romana de Rossas (Vieira-do-Minho)

Durante os trabalhos de abertura duma estrada que de Celeirô vai ligar com São-Pedro, na freguesia de Rossas (Vieira-do-Minho), a cerca de duzentos metros daquela última povoação; ao cortar o terreno saibrento duma pequena coutada atravessada pela nova via, depararam os operários com diversos vasos de barro, cuja forma lhes chamou particularmente a atenção. Embora a ânsia de encontrar tesouro escondido tivesse levado à fragmentação de alguns dêles, três, pelo menos, escaparam quasi intactos ou em condições de serem reconstituídos. Todos êles apresentam a morfologia característica dos vasos das chamadas necrópoles lusitano-romanas, tão freqüentes no norte do país. São vasos com uma única asa.

Dois mostram a forma de *ampulla* que, segundo R. Severo, é das mais típicas da nossa cerâmica lusitano-romana. Um dêstes vasos (fig. 1) é em tudo igual, mesmo nas dimensões (24 cm. de altura), a um dos exemplares do cemitério de Vila-Verde (Bagunte), figurado por R. Severo ⁽¹⁾. O outro apresenta forma ligeiramente diferente (fig. 2), em especial na base. As dimensões são idênticas.

O terceiro dos vasos de Rossas pertence, também, ao tipo de *ampulla*, mas mais bojudo e atarracado (fig. 3) pois, mede, apenas, 20 cm. de altura. Aproxima-se muito de um dos exemplares do

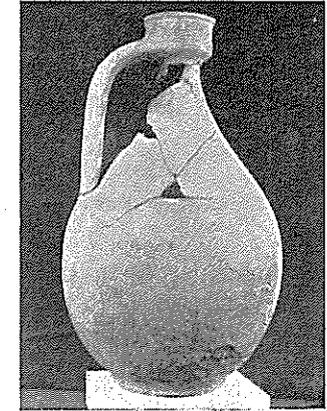


Fig. 1

(1) R. Severo — *Necrópoles lusitano-romanas de inumação*. «Portugalia», II, (pág. 417, fig. 19).

cemitério do Bairral (1) e de outro de Gondar (Amarante) (2). Não apresenta, contudo, qualquer orifício intencional no bojo.

Todos estes vasos são de barro comum, de cor avermelhada, com finas palhetas de mica e alguns grãos de quartzo.

Acresce ainda um quarto vaso, de pequenas dimensões e de barro mais fino, de que apenas resta a parte inferior (fig. 4). Assemelha-se um tanto a um dos vasos do cemitério de Vila-Verde (3).

Além destes, apareceram um vaso de vidro e restos de cerâmica pintada, de que apenas consegui diminutos fragmentos.

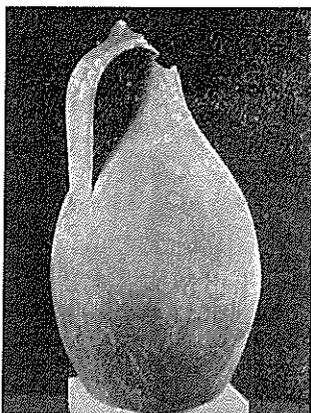


Fig. 2

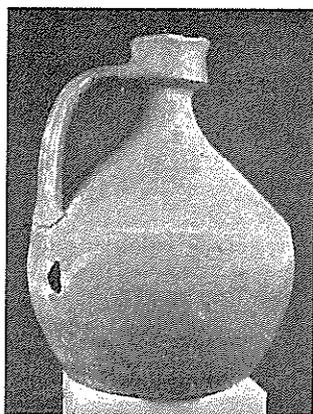


Fig. 3

Segundo as informações que obtive, os vasos continham terra e «cinza». Apareceram, ao mesmo tempo, fragmentos de «cavilhas» de ferro muito oxidadas.

É tradição entre a gente de São-Pedro de que no local se haviam efectuado outros achados semelhantes.

*

A cerâmica encontrada mostra indiscutível semelhança com os vasos das necrópoles «lusitano-romanas» tais como as de Bairral, Vila-Verde, etc.

(1) R. Severo — *Loc. cit.* (fig. 8).

(2) *Vid.* «Arch. Port.», IX (pág. 99).

(3) R. Severo — *Loc. cit.* (fig. 17-7).

Além disso, as referências a achados anteriores mostram que o local deve ter servido para idêntico fim, isto é, como necrópole de inumação. Nada parece estar em desacôrdo com esta conclusão. Nem os caracteres da cerâmica, nem as condições do achado a contrariam.

A analogia ou, poderei mesmo dizer, a identidade do humilde espólio desta estação arqueológica com o das necrópoles de Vila-Verde e Bairral permite supor a sua contemporaneidade. Ela deverá, portanto, reportar-se às proximidades do século IV (em Vila-Verde apareceram, juntamente com a cerâmica, moedas dos séculos III e IV).

É natural supor que este achado esteja relacionado com outros restos arqueológicos da região. A pouca distância, do outro lado do Ave, fica o castro do Bairro; mais longe, mas ainda dentro da freguesia, está o «castelo» de Calvos, outra povoação castreja, romanizada e que deve ter tido certa importância.

Também no sítio do Pombeiro, um pouco além de São-Pedro, junto dos campos de Leirados, encontrei restos de construções — fundos de cabana de barro batido —, cerâmica fina, amarelada, grossos fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, metade de uma mó de granito, etc.

Todos os restos das civilizações passadas merecem respeito e apresentam interêsse, ainda que rudes e humildes.

É com essa desculpa e dentro dessa crença que aqui registro estes elementos, magro subsídio para o estudo arqueológico duma das regiões menos conhecida debaixo dêsse aspecto.

Pôrto, Outubro de 1943.

C. TEIXEIRA.

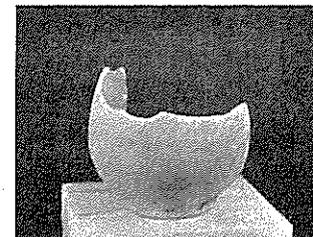


Fig. 4

Epitáfio romano de Folgoso (Castelo-de-Paiva)

Em carta de 11 de Março de 1943, datada de Folgoso, freguesia da Raiva, Castelo-de-Paiva, informava o Sr. Alfredo Vieira Guedes de Almeida que na sua região têm aparecido, em diversos sítios, louças romanas que o povo atribui aos mouros, e que, havia

pouco tempo, ao fazer uma surribo numas esconsas, perto da sua casa de habitação, no sítio denominado *Picoto*, entre os restos de duas sepulturas cercadas de lousas (a região abunda em xisto laminoso), aparecera uma lousa com legenda que ninguém soube decifrar, um anel de metal que se desfez ao tocar-lhe e uma moeda que não se pôde classificar por estar muito gasta.

Em data próxima a 11 de Março, entre cacos de louça romana apareceu, também, uma pucarinha cheia de terra barrenta, local, com letras que, segundo a cópia tirada, diziam:

CAFVRINVS 9 NATV Vb = *Cafurino de 9 anos de idade. Vive!*

A lápide de lousa acima referida, de superfície, lados e espessura irregulares, mede de altura 56 cm., de largura 14 cm. e de espessura máxima na extremidade inferior 4,5 cm. A legenda ocupa 8 linhas em caracteres epigráficos, romanos, abertos a buril e de leitura fácil:

LEGENDA :

D M S
AVITIANV
S FATVM
FVNESET
VVIII K NOVEM
B IS ANNORV
XXV VTERE FE
LIX

INTERPRETAÇÃO :

D (iis) M (anibus) S (acrum) = Consagrado aos Deuses Manes.
AVITIANVS = Aviciano.
FATVM (obiit) = cumpriu o fado, o seu destino, morreu.
FVNESET (FVNESTE) = infelizmente.
VVIII K NOVEMBRIS = a 13 das Kalendas de Novembro (isto é, dia 20 de Outubro).
ANNORVM XXV = aos 25 anos (de idade).
VTERE FELIX = sê feliz, goza feliz ou da felicidade, descansa em paz.

Leitura por extenso: Aos Deuses Manes. Aviciano morreu infelizmente a 13 das Calendas de Novembro (20 de Outubro) aos 25 anos (de idade). Goza da felicidade.

O nome *Aviciano* parece ser a primeira vez que surge na epigrafia portuguesa. Outro tanto já não sucede com a de Espanha onde, segundo Hübner (Corp. Inscr. Lat.), se conhece em quatro inscrições que na obra monumental daquele eminente epigrafista figuram com os n.ºs 513 (de Emérita), 1000 (da Bética), 3399 e 3401 (da Tarraconense).

Por sugestão do autor, o Sr. Alfredo Vieira Guedes de Almeida benévola e gentilmente ofereceu a lápide ao Museu de

Antropologia da Universidade do Pôrto, onde se encontra arquivada desde Março de 1943.

O epitáfio é em latim puro, o que é raro em legendas desta natureza, sobretudo em terras sertanejas, e faz remontar a idade da lápide aos primeiros tempos da ocupação romana.

Deve-se a interpretação da legenda a D. Gabriel de Sousa, monge beneditino de Singeverga e Reitor da Igreja de São Bento da Vitória, do Pôrto, que, embora se acuse de não ser epigrafista, é, todavia, latinista distinto e tanto basta.

P.^e J. MONTEIRO DE AGUIAR.

O índice nasal nas crianças portuguesas do Norte

Dedicados à antropologia da Mulher e da Criança portuguesas elaborei já alguns trabalhos, no ponto de vista de certas características mais comuns, trabalhos que se encontram arrolados, para comodidade dos estudiosos (1).

Hoje, tenho a honra de apresentar os resultados da observação de 500 rapazes e de 450 raparigas, dos 10 aos 17 anos, inclusive (2), oriundos do Norte do País, na sua quasi totalidade, e filhos de pais portugueses.

A distribuição por idades é como segue (3):

RAPAZES		RAPARIGAS	
10 anos . . .	87 indivíduos	10 anos . . .	35 indivíduos
11 » . . .	106 »	11 » . . .	87 »
12 » . . .	71 »	12 » . . .	73 »
13 » . . .	62 »	13 » . . .	54 »
14 » . . .	46 »	14 » . . .	40 »
15 » . . .	51 »	15 » . . .	48 »
16 » . . .	32 »	16 » . . .	49 »
17 » . . .	45 »	17 » . . .	64 »
Total . . .	500	Total . . .	450

(1) Luís de Pina — *Índice bibliográfico*. 1938. Pôrto. Luís de Pina — *A Antropologia Criminal e o Instituto de Criminologia (Bosquejo histórico)*. « Boletim do Instituto de Criminologia ». 1939. Lisboa.

(2) As idades foram arredondadas, exemplo: 10 e 1, 2, 3 e 4 meses, fixos em 10 anos; 10 e 5, 6, 7, 8 e 9 meses, fixos em 11; e assim para os outros escalões de anos.

(3) Observados no Arquivo de Identificação (Secção do Pôrto), onde se guardam as respectivas certidões de idade.

Eis os resultados obtidos, com os respectivos desvios padrões:

RAPAZES				
Idade	Índice nasal	Máxima	Mínima	Desvio padrão
10	68.19	88	54	5.7
11	67.08	81	53	5.4
12	67.24	81	58	5.0
13	66.86	79	58	5.2
14	65.60	79	56	5.5
15	64.65	78	53	5.1
16	65.69	74	59	3.5
17	64.65	77	53	6.01
RAPARIGAS				
Idade	Índice nasal	Máxima	Mínima	Desvio padrão
10	66.78	81	50	6.4
11	66.63	83	54	5.2
12	66.54	78	56	4.8
13	66.01	77	56	4.8
14	66.18	77	56	5.1
15	63.98	76	51	4.6
16	67.56	83	57	5.07
17	65.39	75	53	5.1

Vejamos, agora, as médias respeitantes, separadamente, à altura e à largura do nariz.

ALTURA DO NARIZ

IDADE	RAPAZES	IDADE	RAPARIGAS
10	44.6	10	44.6
11	45.05	11	44.4
12	46.2	12	46.4
13	46.8	13	47.09
14	49.2	14	47.6
15	50.5	15	49.6
16	51.4	16	48.6
17	52.5	17	48.4

LARGURA DO NARIZ

10	30.2	10	29.9
11	30.4	11	30.1
12	30.6	12	30.8
13	31.2	13	31.01

IDADE	RAPAZES	IDADE	RAPARIGAS
14	32.1	14	31.5
15	32.7	15	31.5
16	33.9	16	32.6
17	33.7	17	31.5

Segundo os resultados que obtive em 800 indivíduos de todos os distritos portugueses (1), o índice nasal é igual a 66.51 nos Homens e 66.25 nas Mulheres.

Com rapazes e raparigas agora observados vê-se que, aos 17 anos, é mais baixo do que aquê — 64.65 e 65.39, respectivamente.

Todavia, adultos e crianças e adolescentes são *leptorrines*. Para rematar, informo que em delinquentes portugueses achei os seguintes valores de índice nasal: Homens = 70.62, Mulheres = 69.03, índice sem dúvida mais alto, já sensivelmente *mesorrines* (2).

LUÍS DE PINA.

Ales Hrdlicka

O ano de 1943 foi lutuamente assinalado para os antropólogos pela perda duma grande figura da ciência antropológica, o conservador da secção desta ciência no Museu Nacional dos Estados-Unidos (em Washington), Dr. Ales Hrdlicka.

De origem checa, que não esqueceu nunca, tendo manifestado a maior dedicação pelo progresso dos estudos de antropologia física na Checoslováquia, com a instituição de fundos para

(1) Luís de Pina — *Materiais para a antropologia portuguesa. O índice nasal no vivo*. «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles». 13. T. XI. 1932. Lisboa.

(2) Luís de Pina — *Índice nasal em delinquentes portugueses*. «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Pôrto», 1, fasc. III, 1931. Pôrto.

esses estudos, o Dr. Hrdlicka foi, no entanto, um dos mais autorizados representantes da ciência norte-americana.

É difícil fazer uma resenha bio-bibliográfica completa sobre ele, tantas foram as demonstrações da sua incansável e fecunda actividade. Publicou numerosos livros, memórias e artigos, entre os quais devem destacar-se especialmente os estudos consagrados aos mais antigos restos humanos fósseis (que estudou em viagem à Europa), aos norte-americanos oriundos de antigos emigrantes (*Old Americans*), à antropometria, à antropologia em geral, a numerosas séries de crânios humanos nas colecções do Museu de que foi conservador, aos Egípcios do oásis de Karga, à frente humana, à evolução dos Primatas e do Homem, aos restos humanos, supostos fósseis, das duas Américas, etc.

Os catálogos de crânios de numerosas raças representam, como outros trabalhos seus, um labor imenso. Hrdlicka foi sobretudo antropologista físico, não se ocupando, senão incidentalmente, dos domínios psíquico e cultural da Antropologia. Foi extremamente céptico sobre a pretensa antiguidade de alguns espécimes humanos americanos. Pretendia que os Ameríndios eram todos da mesma raça, com pequenas variantes, e afirmou ter encontrado os representantes actuais dos primeiros povoadores da América (pela via do estreito de Behring) no nordeste da Ásia.

As divergências que, nestas matérias, houve entre ele e o autor destas linhas não diminuíu a nossa recíproca estima e o alto aprêço em que sempre, da nossa parte, tivemos o seu labor.

Não é fácil, repetimos, dar uma idéia, ainda que sumária, da sua enorme contribuição à Antropologia Física. Fundara há cerca de 25 anos a grande revista *American Journal of Physical Anthropology*, que manteve com regularidade até ao fim da sua vida. Tomou parte em vários congressos, de alguns dos quais foi mesmo um dos principais organizadores.

Foi sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, desde a fundação desta em 1918. Várias vezes deu conta na sua revista e em artigos seus, com simpatia, de trabalhos antropológicos portugueses e inseriu mesmo na dita revista um artigo, que nos solicitou, sobre as origens do povo português.

A nossa Sociedade, em sessão científica, aprovou um voto de pesar pela perda do seu ilustre consócio e notável antropologista.

MENDES CORRÊA.

Coronel Leite de Magalhães

Foram a nossa Sociedade, a ciência etnológica e o país atingidos recentemente por lutuosa perda, a do coronel António Leite de Magalhães, falecido em Lisboa nos princípios do corrente ano.

O ilustre oficial e colonialista, que nascera em 1879 em Vila-do-Conde, deixou uma larga e brilhante fôlha de serviços à Nação, tendo exercido as funções de governador no distrito de Cuanza-Sul (Angola) e na Guiné, onde, como anteriormente em Timor, serviu vários anos e realizou a mais prestimosa e patriótica das tarefas. O seu relatório de 1932 do primeiro governo referido é um trabalho do mais alto valor, que denota a visão larga e as qualidades de acção do brioso oficial o qual, na metrópole, exerceu, há poucos anos ainda, o cargo de director geral militar das Colónias.

Leite de Magalhães tinha um interesse especial pelos estudos etnológicos, sendo membro fundador da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Aqui e na Sociedade de Geografia de Lisboa realizou memoráveis conferências, respectivamente sobre etnologia de Timor e a ilha de Atauro, uma e outra publicadas nas revistas correspondentes, os *Trabalhos* da nossa Sociedade e o *Boletim* da benemérita agremiação lisbonense.

Embora tivesse perdido, com o torpedeamento do paquete em que viajava no Mediterrâneo há 26 anos, os apontamentos que coligira sobre as línguas e dialectos de Timor, pôde reconstituir de memória as principais conclusões a que chegara sobre a etnologia da nossa ilha da Austronésia, e essas conclusões são das mais autorizadas e de grande importância científica.

Ligava-nos a Leite de Magalhães, com uma sólida amizade, nascida da comunidade de preocupações científicas, uma perfeita harmonia de vistas sobre um grande número de problemas da especialidade. Mas surpreendia-nos, em matérias em que supúnhamos ser menos ampla a sua informação, a segurança das suas observações e a exactidão das suas intuições. Ele era, na verdade, um espírito cultivado, com notáveis faculdades de intuição e síntese. Era, sem dúvida, um dos mais nobres e esclarecidos espíritos da nossa terra, e a ciência etnológica deve-lhe autênticos e valiosos serviços. Não menores lhe ficou devendo a Nação pelo modo como exerceu os seus cargos de colonialista e de militar.

De Timor, de Angola e, sobretudo, da Guiné chegam múltiplos testemunhos de reconhecimento e de aprêço pela acção que desenvolveu. É possível que alguns desses testemunhos sejam

tardios, e que nem sempre haja sido feita a devida justiça aos grandes merecimentos de Leite de Magalhães.

É mal corrente êsse. O essencial é que êsses merecimentos e a tarefa realizada honrassem o nome prestigioso e íntegro do nosso saudável consócio, e a verdade é que, de facto, o honraram perante os vindouros. Isso é que importa.

Causou fundo pesar na nossa Sociedade a morte de Leite de Magalhães. Era natural que assim fôsse, tanto as suas qualidades o impunham à simpatia de todos no mais rápido convívio, e êle foi um dos primeiros colonialistas portugueses de valor a trazer a esta colectividade o seu concurso e apoio efectivo. Em 1934 ainda acompanhou com interêsse e com a sua prestante colaboração o Congresso de Antropologia Colonial, realizado nesse ano no Pôrto, por ocasião da Exposição. As suas obrigações no Ministério absorviam-no, porém, cada vez mais, e a doença começou a persegui-lo, alcançando enfim triunfar do seu vigor e da sua energia de verdadeiro lutador e prostrando-o para sempre.

A sua memória e o seu labor perdurarão na saúde, admiração e reconhecimento de todos os que, como nós, puderam apreciar as distintas qualidades da sua alta e lúcida personalidade, como homem, como cientista, como português de lei.

M. C.



Coronel António Leite de Magalhães
(1879-1944)